

DURANTE UMA VIAGEM A ROMA

Marisa Pelella Mélega,¹ São Paulo
pmelega@uol.com.br

Durante um voo São Paulo-Roma (2018), a passageira ao meu lado a um certo momento busca em sua bolsa e retira um livro... *Criatividade poética e psicanálise*.

Espantada com a coincidência e silenciosamente feliz por estar diante de um leitor que se interessa por um livro como esse! Não consigo esconder minha identidade, e por que deveria? Me apresento: sou eu a autora (Mélega, 2001).

Isso causa uma turbulência bem diversa das que acontecem em voos!!!

Ella me conta que iniciou a leitura dias antes e ficou curiosa acerca da escolha do poeta – “Por que Montale?” E aqui iniciamos uma conversação que durou quase o tempo do voo.

Eu respondo com outras perguntas: e por que estudar literatura? E por que poesia? E por que um poeta italiano? E por que criatividade?

Ella, olhando-me fixamente, como se pudesse ler as respostas em meu rosto, exclama: “Afinal, quem é você?”

Eu disse: posso lhe dar meus dados pessoais, mas francamente não vou conseguir responder a essa pergunta, pois nem sei ao certo quem eu sou.

Ella continua me olhando fixamente e...

Eu disse: talvez esta nossa conversa possa revelar algo de mim, caso você se interesse em continuar...

Após uma longa pausa, Ella, agora com o olhar distante e pensativa, diz: “É, acho que pode ajudar a mim também...!”

Eu penso: poderá então trazer revelações para o escritor e para o leitor? O que será que Ella estaria buscando ao ler esse livro? E eu, como escritora, o que de fato quero contar? E será que consegui?

Uma releitura desse meu livro (coisa que muitos escritores não fazem após tê-lo terminado) poderia me trazer “novas coisas?”

Continuo pensando e me vejo em 1995, ano difícil, muitos desencontros... mas um encontro acabou acontecendo: Eu, a USP e a literatura italiana. Por que fez sentido, e acabou sendo esta a escolha? Buscando palavras para construir um caminho interrompido há tempos?

Dirigindo-me a Ella: aos 12 anos emigrei com os meus pais para o Brasil. Italiano é minha língua materna. E no silêncio que fizemos em seguida pensei novamente: por que essa escolha? Quem poderia me ajudar a contar uma história na qual “muitas coisas ainda não tinham um nome naquele tempo”? Um poeta, talvez, capaz de transformar “estados emocionais” em palavras. E um poeta italiano!!

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Ella escuta interessada o que por fim lhe digo e, ao mesmo tempo, parece não compreender para onde estamos indo.

Disse-lhe então que, quando busquei literatura italiana e um poeta, eu não estava ciente do que acabei de lhe dizer, do porquê dessa escolha. Foi no impulso, pela necessidade de ir adiante... Acho que estou tentando me encontrar... Como quando é preciso ir andando para acompanhar ocorrências internas, na tentativa de retê-las.

Eu continuei: Montale, como qualquer poeta, escreve acerca da condição humana, de uma certa desarmonia que ele sente com a realidade externa, e tem uma escuta privilegiada das “vozes” que vêm de dentro de sua vida interior. Montale, como vários outros da filosofia e da psicanálise, entende a enorme dificuldade de que um diálogo lógico e racional possa refletir experiências vividas. Ele escreve que, se a vida é um incessante fluir de acontecimentos que se refletem por segundos no espelho de nossa consciência imediata, um fluxo de sentimentos, emoções, ideias que se sobrepõem, se misturam, se confundem..., como é possível a palavra enquadrar tais experiências?

Vou te mostrar esse seu poema..., eu digo e, pedindo licença, pego o livro de suas mãos e abro na página 43, em que lemos...

“Não nos peça a palavra que esquadre de cada lado/a alma nossa informe”,
Não nos pergunte a fórmula que mundos possa abrir-te,
sim alguma sílaba torta e seca como um ramo.
Somente isto hoje podemos dizer-te:
o que não somos, o que não desejamos.

Eu continuo: mas, apesar do quanto a palavra é pobre para expressar “momentos” que estão acontecendo e se vão, Montale consegue por meio de seus versos nos convidar a entrar em sintonia com suas “vivências” emocionais. Consegue, eu constato, deslocar sua experiência psíquica para um objeto que leve o leitor a uma experiência semelhante à dele.

Ella, me ouvindo atenta, vai abrindo o livro na página (p. 84) que mostra o seguinte poema:

Portami il girasole

*Portami il girasole ch'io lo trapianti
nel mio terreno bruciato dal salino,
e mostri tutto il giorno agli azzurri specchianti
del cielo l'ansietà del suo volto giallino.*

*Tendono alla chiarezza le cose oscure,
si esauriscono i corpi in un fluire
di tinte: queste in musiche. Svanire
è dunque la ventura delle venture.*

*Portami tu la pianta che conduce
dove sorgono bionde trasparenze
e vapora la vita quale essenza;
portami il girasole impazzito di luce.*

Traga-me o girassol

Traga-me o girassol que eu o transplante
em meu terreno queimado de salgado,
e mostre o dia inteiro aos azuis espelhantes
do céu a ansiedade do seu rosto dourado.

Tendem à claridade as coisas obscuras,
se exaurem os corpos num fluir
de tintas: estas em músicas. Esvanecer
é portanto a ventura das venturas.

Traga-me tu a planta que conduz
onde surgem loiras transparências
e exala a vida qual essência;
traga-me o girassol enlouquecido de luz.

Mas, então, lhe digo, você já procurou ler os poemas ao folhar o livro! Isto me fala a favor de sua busca, por meio da poesia...”

“Sim”, Ella responde, me interrompendo, “a busca é para compreender a origem da criatividade. E eu sou psicóloga de formação.”

Puxa, que encontro!, digo eu, e você já pensou acerca da inspiração poética?

Ella, de novo com o olhar ao longe, diz: “É difícil materializar essa tal de Musa...”

Eu digo: pois, então, Montale vem em nossa ajuda; escute só o que ele fala durante uma conferência, *La solitudine dell'artista*, que deu em 1952. Ali ele afirma que o homem se comunica através do Eu transcendental – uma lâmpada iluminando brevemente um estreito percurso diante de nós, uma luz que nos leva a uma condição além de nós mesmos, além da experiência artística. Afirma ainda que o Eu individual é efêmero, e querer torná-lo fenomênico para que se comunique é contrário à condição humana. Então, o Eu transcendental, para Montale, é a instância que cria.

Continuei: agora veja você como essa concepção dele aproxima-se daquela da psicanálise atual, segundo Bion e Meltzer.

E me refiro brevemente à nova Teoria da Criatividade (Meltzer, 1993/2019). *Além da consciência*, são os objetos internos que criam; e, para Montale, seria o Eu transcendental que cria, e não o Ego (o Eu individual do poeta).

“Mas, então”, Ella pergunta, “você está lendo o poeta e os poemas à luz da ‘psicanálise atual’? É isso?”

Pois, então, eu respondo, como posso deixar de lado o instrumento que aprendi a usar com minha formação analítica para “ler” os movimentos emocionais em nós, nas interações, na produção poética etc.!?

Ella diz: “Mas assim você estaria fazendo uma leitura crítica?”

Eu digo: não! Estou fazendo uma leitura dos movimentos emocionais com base nos versos do poeta. Estes me levam também a pensar na pessoa do poeta, no porquê dessas escolhas dele, e em como ele transforma emoções, configurações emocionais em palavras-versos!”

Ella diz: “Ah! Mas isso que você está me dizendo não fica muito claro durante a leitura do seu livro”.

Eu digo: pois é! É o que estou constatando!!

Ella diz: “E você, como autora, não aparece com suas intenções, suas buscas a seu respeito”.

Eu digo: sim, mas esse fato acontece com muita frequência nos autores. Até nos grandes! Por exemplo: por que será que Dostoievski escreveu *Crime e castigo* ou *Os irmãos Karamazov*? A leitura crítica da obra chega a formular a necessidade pessoal do autor, mesmo conhecendo sua biografia? O porquê? Como ele transformou suas vivências emocionais numa narrativa entre seus objetos internos?

Porque a criatividade “surge” pelo “diálogo” entre os objetos internos do autor. Ele escuta suas vozes interiores e as acolhe, e tenta dar-lhes um formato para ser comunicado.

A obra dele fala de seus tormentos, sem ser necessário referir-se à biografia, pois esta só conta os acontecimentos externos do autor, e não exatamente como ele os viveu!!

Se nos detivermos na série de poemas *Mediterrâneo*, veremos que parecem diálogos entre o adolescente poeta e o mar-pai.

*Potessi almeno costringere
Potessi almeno costringere
in questo mio ritmo stento
qualche poco del tuo vaneggiamento;
dato mi fosse accordare
alle tue voci il mio balbo parlare: que deu em 1952-
io che sognava rapirti
le salmastre parole
in cui natura ed arte si confondono,
per gridar meglio la mia malinconia
di fanciullo invecchiato che non doveva pensare...*

Pudesse ao menos fixar
Pudesse ao menos fixar
nesse meu ritmo custoso
um pouco de teu desvario;

fosse-me dado afinar
às tuas vozes meu balbucio:
eu que sonhava roubar-te
as salobras palavras
em que natureza e arte se confundem,
para gritar melhor minha melancolia
de menino velho que não devia pensar...

Antes vale a pena lembrar que, para pensar, Montale precisa ver, a imagem vem antes de tudo e constitui sua matriz da ideia. Ele dá significados por meio de imagens. A leitura de seus versos a mim sugere que Montale busca expressar a “essência das coisas”, o que está além dos olhos, dos ouvidos, do sensorio, enfim, e do cotidiano. E que eu entendo estar na realidade psíquica e por vislumbres pode ser agarrada e expressa em linguagem verbal, mesmo sabendo de suas limitações.

A súbita iluminação, a inspiração, a transfiguração, que têm sido consideradas por tanto tempo marcas da criação poética, seriam, para mim, o momento do nascimento do estado de mente poético.

A VIAGEM TERMINOU AQUI.

Referências

- Mélega, M. P. (2001). *Eugenio Montale, criatividade poética e psicanálise*. Ateliê.
Meltzer, D. (2019). Criatividade e a contratransferência. In M. H. Williams, *O vale da feitura da alma* (p. 293). Blucher. (Trabalho original publicado em 1993)